

PAIXÕES EM ANÁLISE[♦]

Marcus André Vieira

II – CATARSE

Perda, tristeza e saudade

Uma análise se desenrola como uma busca pelas origens.

Não é privilégio da psicanálise. Na medicina busca-se a origem do sintoma, a origem do mal, a causa do sintoma. Busca-se essa origem no sentido de que o sintoma é um corpo estranho, alguma coisa que me afeta acidentalmente e da qual preciso me livrar porque ela não faz parte de minha constituição. É um acidente. O sentido etimológico do sintoma é esse, algo que cai.

O sintoma para o médico é isso do começo ao fim. Freud começou por aí, mas foi parar em outro lugar. Na pista do acidente que teria causado o sintoma histérico, ele encontra o trauma. É o que constitui sua primeira teoria etiológica, a da sedução, que seria melhor traduzida por abuso. O abuso sexual por parte do adulto seria o acidente etiológico, que constituirá em um segundo tempo, o sintoma.

A teoria da sedução é congruente com a teoria do sintoma como corpo estranho, marca de um interveniente acidental. No momento em que Freud passa para a teoria da fantasia, porém, quando a sedução deixa de ser coisa acontecida e passa a ser uma sedução fantasiada ou uma fantasia de sedução, as coisas mudam muito. Quando se supõe um acontecimento causal, datado, localizado, a origem tem lugar, considera-se que o sintoma surgiu a partir de um ponto fixo que se pode circunscrever de modo mais ou menos preciso. Quando a causa passa a se localizar na fantasia, já não tenho mais a origem fixa do sintoma. Torna-se impossível postular que se possa apreender o momento da constituição da fantasia traumática. Começa ficar vago. Porque se é uma fantasia, que não aconteceu na realidade, mas na realidade psíquica, somos mergulhados em um mundo bem mais virtual e movediço. A realidade psíquica tem outras regras, não há, por exemplo, testemunhas. Não há fontes imparciais a quem se possa consultar ou documentos históricos a serem consultados.

Aquilo que se inicia em 1897 com a renúncia de Freud à sua teoria da sedução vai se concretizar da forma mais explícita no caso do Homem dos lobos onde ele afirma que o essencial na cena primária do Homem dos Lobos não é sua existência real, mas seu valor para o sujeito. Ninguém pode ter certeza se realmente aconteceu, afinal, ele só tinha ano e meio, mas isso deixa de ser o mais importante.

Quando passamos a nos deslocar no plano da fantasia, não apenas relativizamos a realidade factual, deixamos de acreditar em uma causa datável e precisa para o sintoma. Saímos do registro médico. O sujeito, que passa a ser o demiurgo da fantasia, seu engenheiro, mestre de obras e pedreiro, tudo ao mesmo tempo; o sujeito passa a ser o elemento causal. Ele é um dos responsáveis pelo trauma. Não apenas ele, claro, mas ele também. Se eu construí, porque eu construí? Qual é a origem da construção eu fiz? E aí, começa a se confundir a origem do sintoma com a origem de si.

[♦] Curso livre do ICP-RJ, Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, 24 de junho de 2010. Transcrição, edição inicial e pesquisa de referências por Anna Luiza Almeida e Silva.

Aquilo que era um sintoma médico passa a ser um sintoma mais no estilo de algo que “faz parte da minha essência”. Naquilo em que antes eu era vítima passiva agora me inclui, tenho alguma responsabilidade nisso. Tenho coisas a dizer sobre o que aconteceu na cena traumática. Tudo isso faz com que, na procura da origem do sintoma, procuro, no final, a origem de mim mesmo.

A partir deste ponto, numa análise vamos, de certa forma, buscar a origem de nós mesmos e não apenas a origem do sintoma. Isso, inclusive, já foi bem caricato: a ideia de que uma análise não é para tratar, para curar o sintoma, mas sim para autoconhecimento. Uma análise tem um tanto disso, mas é evidente que se esta vertente for separada inteiramente da terapêutica podemos chegar em coisas ridículas, do tipo ‘não estou nem ai para o seu sofrimento, caro analisante, porquê o que importa é nós encontrarmos o seu verdadeiro ser’. J. A. Miller o articula muito precisamente em seu artigo “As contra-indicações da psicanálise”.¹ Em uma análise a terapia é o tempo todo submetida à investigação, à releitura de si, mas não é nunca ignorada.

No entanto, realmente este submetimento do terapêutico ao analítico é o que define uma análise. Inclusive, essa passagem do sintoma-doença para o sintoma-ser é necessária para que se comece uma análise. Isso que foi o nascimento da psicanálise é o nascimento de cada análise.

Isso posto, vamos ao que interessa: quando passamos a buscar a origem de nós mesmos, ou a origem de nossas fantasias, não há ponto de parada preciso, o que faz com que sigamos até onde? Tenho pedaços, fragmentos, coisas estranhas, violentas, fantasias que a gente diz primitivas, mas não sei de onde elas vêm nem onde elas estão. Todo o trabalho de Freud no sentido de precisar o acontecimento que estaria na origem do sonho do homem dos lobos, o coito *a tergo*, como a ele se refere Freud, leva a uma aparente fixação histórica: ele tinha ano e meio, mas na verdade, o que ocorre é uma fixação pré-histórica, pois o sujeito só se constitui como tal a partir dessa cena, nessa cena. Nada mais há antes dela. É como se essa cena fixasse o limiar a partir do qual pode-se falar na história pessoal de Serguei Pankeief.

Então, quando se começa a ir buscar a origem, não mais a origem do sintoma, se chega aos confins do dizível. E ali pululam coisas estranhas, coisas fragmentadas, violentas, estranhas. A sensação de que se chega a um certo limite além do qual não há mais “eu” e onde, ao mesmo tempo, não se pode dizer onde o “eu” começa. A cena primária é uma construção, a reconstituindo de uma experiência fragmentada, pois ligada a um pré do sujeito. Numa análise, estamos às voltas com coisas sem dono, que não se sabe de onde vêm e que dizemos, por isso, primitivas. É possível constituir um amarrado disto constituindo *ad hoc* um mínimo múltiplo comum disso tudo que é ao mesmo tempo como se desenhassemos um limite.

E para além desse limite? Para além desse limite, como dirá Lacan, está o gozo da coisa. O momento absoluto de sei lá o quê. A vida começa no momento em que as fantasias começam, mas elas já começam como fantasias de uma virada, de um momento, sempre traumático onde se perdeu o gozo absoluto. É o que sintetiza Lacan com a famosa expressão: “a palavra é a morte da coisa”.² De que alguma coisa se perdeu na hora que veio para dentro desse limite, da humanidade, e que agora eu tenho apenas informações esparsas daquele campo da fantasia absoluta, do “ego-primordial”, como se refere a ele Freud em pulsões e seus destinos, um eu absoluto.³

Dito de outra forma, a perda e a saudade são inerentes ao falasser.

Blanchot tem uma maneira muito tocante de figurar esta perda fundamental. Em vez de palavras e coisas, com que Lacan generaliza a ideia freudiana, ele retoma o imaginário com que Freud traz esta novidade. Uma criança e um adulto. Não é “a palavra é a morte da coisa”, mas a ideia de que todos carregamos uma criança morta conosco. A criança do gozo, que gozava plenamente, teve que morrer para estar aqui. Ele fala assim:

“Mata-se uma criança” (...). Não sou eu que mata o infante que em primeiro lugar fui, quando ainda não era, sendo somente nos sonhos, desejos e no imaginário de alguns (...). É um impessoal inativo e irresponsável que deve responder por isso. O mesmo quanto à criança, sempre indeterminada e sem relação com quem quer que seja (...). Uma criança já morta morre de uma morte assassina, criança de quem nada sabemos mesmo se a qualificamos de maravilhosa, aterrorizante, tirânica ou indestrutível.⁴

É pesado, e bem obsessivo também, o sentimento de que eu em algum lugar carrego a criança que eu fui e que morreu porque eu tive que crescer. Na verdade, que morre a cada instante em que uso a palavra, escolha forçada, pois só posso usá-la, só posso estar na cultura, senão nada mais há. Mas ao mesmo tempo, alguma coisa morre para que eu possa ser.

Angústia e perigo

Freud, no entanto, não fala em criança morta, mas em criança espancada.⁵ A criança morta parece fixar o limiar: deste lado estou eu, mortificado, do outro a criança viva que jamais alcançarei. Uma ‘criança espancada’, no entanto, fala do momento em que a coisa acontece.

São metáforas. É o que a gente recolhe quando passa os dias ouvindo adultos falando do infantil. Alguns carregam na ênfase da morte deste infantil que nos habita, e bem obsessivo. Outros, é bem histérico, recusam esta morte e se fazem de crianças desregradas, puro gozo ou então vão exigir do Outro que lhes restitua a parte perdida. Para formular algo que abrangesse ambos e muitos mais, Freud preferiu “uma criança é espancada”, que assinala ao mesmo tempo o mortífero da coisa, o violento, mas, no entanto, vivo.

Em vez de morrer, apanhar. A criança que apanha do Outro dramatiza o efeito contínuo da linguagem no ser falante, que, nas palavras de Lacan, não é “pura ação do significado, mas paixão pura do significante”.⁶ Reencontramos, aqui, a paixão. A emoção traduz o que Lacan aqui chama de significado. Mobilizo meu corpo porque quero destruir meu oponente, ou porque é preciso que seja, ou eu, ou ele. Isso é a agressividade em sua vertente de emoção. Há um significado no que me mobiliza. A paixão, porém, é outra coisa, sou tomado por algo além, que me marca e mobiliza sem que eu possa dizer do que se trata, apenas seguir suas pistas. Mantendo-me no plano da agressividade, a paixão do significante pode gerar o mais puro ódio, que leva a querer destruir além do outro, destruir seu ser para além de seu corpo. Nem mesmo espalhar suas cinzas ao vento será, neste sentido, suficiente. É preciso apagar todos os traços de sua existência na terra e isso é impossível, porque a marca do significante não se apaga. Isso é a paixão do significante.

Já vimos a paixão antes. Ela aqui, não apenas do ódio, mas qualquer uma, parece apresentar-se sob uma face aparentemente mais violenta. Para entrar na humanidade, no fechamento da representação, como diz Derrida, é preciso apanhar. Nessa figuração, meio sádica, o famoso holding materno é dramatizado como maus tratos. Mas não precisam ser, necessariamente, os maus tratos do outro, pode ser só os tratos.

O principal é que uma criança morta leva consigo seu segredo, enquanto que a criança que apanha pode falar disso. É essa a experiência na análise: essa coisa que parece aquém do sentido não pára de falar. A ideia da análise é que essa criança que apanha, que está lá quase sendo, que não pode ser, os restos, as marcas, elas vão nos contar coisas sobre mim que desconheço.

O texto chave aqui é “Inibição, Sintoma e Angústia”. Nesse texto Freud vai retomar essa história de outra maneira, afastando tanto a tristeza da criança morta quanto a violência da criança que apanha. Ele vai fazê-lo promovendo o tema do perigo. O texto inteiro é centrado no perigo. Fazendo um curto-circuito,

saltando a demonstração, a tese forte é que pode ser horrível essa violência toda da criança que apanha, mas muito pior é não ter um Outro de quem apanhar.

É basicamente esse o esquema do texto. Só que em vez de falar em termos de apanhar ele o diz em termos de perigo. É preciso inverter nossos hábitos mentais. Estamos acostumados a pensar que o perigo é a castração no sentido de perder alguma coisa. Não. O esquema de Freud é bem mais sutil. O medo de perder é apenas para que acreditemos ter alguma coisa, afinal quem teme perder é porque tem o que perder. Temo perder, por que não terei mais aquilo que me permitirá Deixem-me tentar demonstrar.

Os seguintes parágrafos são essenciais:

Mas a reflexão nos leva além dessa questão da perda de objeto. A razão por que a criança de colo deseja perceber a presença de sua mãe é somente porque ela já sabe por experiência que esta satisfaz todas as suas necessidades sem delongas. A situação, portanto, que ela considera como um 'perigo' e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma crescente tensão devida à necessidade, contra a qual ela é inerte. *Penso que se adotarmos esse ponto de vista todos os fatos se enquadrarão nos seus lugares.* A situação de não satisfação na qual as quantidades de estímulo se elevam a um grau desagradável sem que lhes seja possível ser dominadas psiquicamente ou descarregadas deve, para a criança, ser análoga à experiência de nascer — deve ser uma repetição da situação de perigo (...). O que ambas as situações têm em comum é a perturbação econômica provocada por um acúmulo de quantidades de estímulos que precisam ser eliminadas (...). Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda de objeto (...). É a ausência da mãe que agora constitui o perigo (...).⁷

Freud vai da situação concreta de nossas vidas, o medo de perder, a mãe por exemplo, ou a tristeza pela mãe perdida, para a situação prévia à entrada da mãe. A de um excesso de estímulos. A mãe vem intermediar o contato com o mundo, permitindo que apenas alguns sejam acessíveis, permitindo que haja ação específica e descarga reduzindo a tensão. Como só através da mãe a criança pode fazê-lo, o perigo passa então a ser o da perda da mãe. Como o desamparo é essencial, o perigo desesperador é ficar sem alguém para nos suprir as necessidades básicas e, ao mesmo tempo, nos ensinar como fazer.

O perigo maior é um excesso de estímulos do qual você não tem como tratar, você não tem mecanismos de tratamento simbólico. Esse é o perigo maior e a perda da mãe ou a saída da mãe é ser jogado nessa situação de uma série de estímulos que você não tem como tratar nem necessidade que você tem como satisfazer. É o perigo do Real como afluxo incontrolável de estímulos e, já aqui dentro, o perigo de perder aquela que é uma proteção contra esse acúmulo.

Então, pior do que apanhar, pior do que aceitar os cuidados dessa mãe, que vai necessariamente afastar a criança do real, é ela não estar nem aí e a criança ficar imersa no Real. Esse ponto, ainda mais radical, do Freud de "Inibição, Sintoma e Angústia" vai reler um pouco as coisas que a gente vai dizer.

O irrepresentável é essa coisa da qual tudo o que a gente quer é fugir e tudo o que a gente quer é buscar. A vida como excessivamente vida, a vida como maior do que a vida que a gente leva, a parte da vida que não cabe na vida, com tudo isso a gente tem uma profunda ambiguidade. É a profunda ambiguidade do desejo humano. Por um lado, isso é o que eu perdi e é tudo o que eu quero buscar; por outro lado, ficar imerso nisso é ficar imerso no Real e é tudo o que é pior porque eu deixo de ser tudo

aquilo que eu sou. A profunda ambiguidade do desejo é a profunda ambiguidade daquilo que Lacan chamou de gozo. Gozo é exatamente tudo o que eu quero quanto é tudo o que eu menos quero.

Agora como Lacan retoma isso? A mãe é o nome da falta, pois é ela que nos permite viver não todo o real, mas apenas uma parte. Ela é o nome da perda, mas da boa perda. Então a angústia é a perda desta perda, ou nos termos de Lacan, a falta da falta.

Isso é que se pode depreender dessa montagem de “Inibição, Sintoma e Angústia”. O desamparo nada tem a ver com tristeza, com seres coitadinhos. E sim com desespero. A angústia é a revivência deste desespero fundamental. O desamparo prima sobre a violência em “Inibição, Sintoma e Angústia”. A barra é mais no sentido de que o desamparo suplanta a violência

desamparo **violência**

A partir daí Freud escalona o perigo. A perda da mãe será o grande perigo, porque joga a criança no perigo maior que é o perigo de não ter como se virar. Se Freud fala na perda da mãe como perigo maior é porque o perigo do desamparo não tem vivência psicológica, pois é pré-subjetivo. Mas fica evidente que ele é o segundo perigo, inclusive porque haverá um terceiro e um quarto, dependendo do ponto em que se encontra o sujeito.

Assim o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência. (...).⁸

Catarse

Em seus artigos, sobre o Inconsciente e sobre a Pulsão, de 1914, Freud havia avançado sua teoria mais explícita sobre o afeto em geral. Agora, a partir dessa reviravolta de Inibição, Sintoma e Angústia, onze anos depois, uma série de coisas serão relidas.

Em 1914, ele afirmava que a pulsão tem seus representantes que são a representação e o afeto. Ao mesmo tempo, dizia que os dois não são simétricos, que são desiguais. Como articular isso?

Coloquemos a pulsão no lugar do menino do gozo. A pulsão é nosso conceito limite. É o conceito daquilo que acontece para além do limite. A pulsão é o nome do que estaria lá se eu pudesse chegar lá. É um “conceito mítico”, como diz Freud.⁹ A pulsão é aquilo que empurra. É a vida.

Existe uma metáfora do Lacan sobre a relação entre a pulsão e a linguagem: a ideia de uma peneira. É como se o corpo fosse uma espécie de peneira. O real da vida tivesse que vir, passar por essa peneira e sair do outro lado. Isso está na “Conferência de Genebra sobre o Sintoma”. A metáfora serve para a gente deslocar a ênfase. Ficamos muito atentos ao real que entra e sai, mas o importante é o que fica na peneira. As marcas, os restos, detritos que ficaram na peneira são eles que contam mais para a nossa singularidade do o que passou pela peneira.¹⁰

A vida tem que passar na peneira e nela não há pulsão. A pulsão vai entrar por dois caminhos. O primeiro é o das marcas. É um caminho de inscrição, que é o que conta pra gente, a cada situação em que a vida não couber na vida, algo da vida se registra. A cada vez que a vida romper alguma barreira, o lugar da ruptura é aonde vai ficar inscrito por onde a vida passou. É isso que a gente está chamando de representação, de lugar da inscrição, é com isso que a gente basicamente trabalha.

Mas e o outro representante? Freud o define como descarga. No momento em que uma representação me afetar, haverá uma descarga. É essa descarga que Freud chama de afeto. É a ideia de descarregar um quantum de energia presa, restabelecendo o equilíbrio que o excesso de tensão perturba. É o tema central da teoria da ab-reação. Ela nunca foi apenas isso. No mínimo, ela nunca foi o todo de uma análise, mesmo nos *Estudos sobre a Histeria*.¹¹ Vista deste modo, porém, reduzindo-se a isso, ela é idêntica ao que tradicionalmente se conhece com o termo *catarse*.

A concepção tradicional da catarse é a de *purgação*. A purgação é a do futebol, é a catarse clássica, a ideia de que você vai ao teatro, ao cinema libertar alguma coisa que está represada e que precisa ser solta.¹² A teoria da ab-reação é a de que há um tanto preso que nenhum maracanã pôde liberar e que fica como um abscesso. E é como se pudéssemos na análise chegar no lugar do abscesso, como uma bolha e nela enfiar um alfinete. A gente libertaria essa carga e se livraria deste excesso que constituiria o sintoma como mal-acidental, corpo estranho. Chegaríamos, pela recordação, até o momento traumático e ao lembrarmos daquilo tudo, nos emocionamos e estamos livres. Como seria bom!

É que a tensão recomeça. É preciso ir ao Maracanã toda semana, mesmo quando ele nos purga, exatamente porque nos purga. Faz parte da vida um excesso de tensão e a descarga. Mas ela recomeça logo depois. Tem alguma coisa ali que não pára. Quando passamos isso para a análise, é preciso, depois de encontrar o momento traumático e descarregá-lo encontrar outro, mais antigo e outro e outro. Você vai ficar correndo atrás do Outro a vida toda para poder se libertar daquilo. E a análise vai se prolongando indefinidamente. Como terminar uma análise se você fica nessa concepção?

A purgação e a catarse clássica funcionam se você parte da ideia de que só há princípio do prazer, que somos seres *light* que de vez em quando nossa seiva vital fica bloqueada porque alguma circunstância exterior nos obriga a represá-la. Por isso tendemos a descarregar, para assumir a nossa forma natural *light*. É um jeito de pensar, mas não é o de Freud, pelo menos quando ele fala do além do princípio do prazer. Tem qualquer coisa constitutiva na gente que não só nunca vai se descarregar totalmente.

Isso, porém, a teoria do princípio do prazer comporta. O principal é que este quantum acumulado, isso de que nunca se purga, é qualitativamente excessivo, seja muito ou pouco. Colocado em termos de quantidade e energia, é apenas pelo fato de estar acumulado que esta energia aparece como problema. Mas não é sua quantidade que a torna ameaça, ela é qualitativamente ameaçadora. É o que diz o tema do perigo de Inibição, Sintoma e Angústia. O real de Lacan, que vai estar sempre pedindo catarse e purgação, mas não apenas, ele vai estar sempre perturbando o equilíbrio, levando à dispersão. É o que Lacan define como gozo e que Freud aproxima de um estado ancestral de excesso de tensão que não há como escoar, nem tratar psiquicamente. Ele é em si, intratável.

Deste modo, pensar a catarse como purgação não deixa de traduzir todo um aspecto do que ocorre em análise, mas se reduzimos nossas emoções em análise a isso, não temos como, por exemplo, situar o modo como se termina uma análise. Uma análise põe os afetos a trabalho de outro modo. Ela realiza, segundo Lacan, a catarse de maneira distinta, definida por sua tradução alternativa ao *katharsis* aristotélico: *purificação*.¹³

O termo é perigoso, pode nos levar a pensar em termos de sublimação, como se purificação fosse uma elevação, ou aperfeiçoamento. Nada disso, ela terá muito mais a ver com decantação. Para podermos entender esse aspecto da catarse freudiana, a primeira ideia é nos livrarmos da ideia de carga. Em nosso mundo fisicalista, acreditamos que tudo que se coloca em número é real, é verdadeiro. Então, quando Freud apela para os números, de uma quantidade que sobra, quando pensa em termos de carga, a gente esquece que isso é uma metáfora, entre muitas, a que ele recorre para transmitir para nós algo que escapa ao senso comum. A gente acha que a pulsão é uma carga, que estamos lidando com cargas pulsionais. Mas isso é apenas uma maneira de falar dessa coisa de que não há como falar.

Se a pulsão é, por definição, a vida que não cabe na vida, quantidade já é a vida que se leva. Quantidade é uma maneira de falar do excesso. Dar um lugar para o excesso, tornar o excesso uma grandeza quantitativamente mensurável, mesmo que postulada, tornar o excesso isso, é dar lugar para esse excesso no mundo e tirar ele de lá. A quantidade é uma maneira de matar a criança.

Lacan nos adverte sem cessar sobre as metáforas energéticas. Elas são boas, mas viciam. E é o que faz com que digam que Lacan não deu atenção ao afeto e à pulsão porque ele se recusou a quantificar. Isso não significa que ele não deu lugar ao real, e nem tampouco ao afeto em sua relação com o real. E não é porque para falar de afeto Freud usou a metáfora energética que o afeto está mais próximo do real.

A proposta de Lacan é que se tome, sobretudo, as referências ao perigo de “Inibição, Sintoma e Angústia”, ancestral (no sentido de prévio ao recalque), excessivo, imenso e nem tanto as dos escritos metapsicológicos, de carga e descarga. Isso nos dirige, para falar dessa vida imensa quando ela interfere na vida pequenina de todo dia, a outras metáforas que não a energética. Existem outras maneiras de falar disso e o próprio Freud recorreu a elas. Não é preciso nem citar seus recursos à arte, ao teatro e à poesia, mesmo quando recorria à ciência, nem sempre era a física que lhe dava ajuda.

Quanto à libido e ao além do princípio do prazer, Freud se apoia igualmente na biologia. Ele fala, por exemplo, em ameba. A libido pode também ser pensada como uma espécie de grande protozoário com pseudópodes. Protozoário e ameba são os termos do Freud em “Além do Princípio do Prazer”.¹⁴ Quando ele fala em cargas de uma energia vital, a gente acha que ele está falando de alguma coisa concreta, já quando fala em ameba a gente acha que é só uma imagem, mas é nossa visão energética de mundo que nos dá essa ilusão. As duas são imagens e Lacan prefere privilegiar essa outra.¹⁵

Peçam a alguém, quanto mais desconhecido melhor, para pousar a mão no ombro de vocês por um momento. Quando a mão se vai, fica a sensação de que alguma coisa ainda está lá, vocês não tem essa impressão? O que é isso? Pode ser traduzido em termos de carga, mas não apenas. Isso é a libido. Nos termos de Freud é um pseudopode da libido. A libido não é uma coisa que existe direito, nem a pulsão. É uma maneira de falar dos acontecimentos inter-humanos. Quando alguém recebe um telefonema, mesmo antes de atender, aquele som entra no corpo e apressa o coração, por exemplo. Isso é a libido e não é apenas uma quantidade de emoção. Isso é a ideia da libido. Trocam-se pedaços, coisas circulam. A gente pode chamar isso de carga, mas essa metáfora é deficiente para passar o modo como esta pseudoenergia migra, muda, assume tonalidades claramente subjetivas etc. Por isso os pseudópodes freudianos.

Orvalho e Teresa

A libido em nós como ameba gigante, deixa mais claro o quanto ela depende da fala, do que circula de discurso entre os falantes. Seus pseudópodes e suas migrações estão na estreita dependência do que circula em termos de linguagem, enquanto que, com relação à energia natural, tendemos a pensá-la como seguindo leis próprias, da física matemática, que independeria do discurso. Nada mais falso. O que sentimos em termos de vigor, excitação, e também depressão estão em contato direto com o que pensamos e o que pensam de nós. Nossos contatos são sempre mediados pela cultura, pelo que Lacan chama “o significante” para designar o fato mais geral do discurso. Usamos hoje duas metáforas, a da surra e a da peneira, para falar do que é esta apropriação, pelo significante, de nossos corpos e corações. As duas metáforas falam da ação do significante, da ação do Outro, que deixa duas coisas: marcas e vida em torno delas. Não há um sem outro. Dizendo mais lacanianamente, a letra tanto é significante quanto o afeto, ou é da letra que surge as palavras e o afeto. Se você quiser lidar com isso que passou pela peneira e que está aqui, você vai saber que alguma coisa ficou escrita disso e que alguma outra coisa circula. Essa outra coisa é que a gente vai depois chamar de afeto. A partir daí fica mais fácil perceber

que se a libido é a vida em nós, não haverá descarga que a descarregue. Ou como diz Freud: “É óbvio que nesse esquema de coisas não há lugar para a ab-reação do trauma do nascimento.”

O que seria então a catarse-purificação? A decantação de pequenos elementos de libido, que são ao mesmo tempo significantes e pontos de concentração de gozo. Pedi ajuda para Manuel Bandeira para imaginar essas relações. É o seguinte poema:

*Minha Grande Ternura*¹⁶

Minha grande ternura
Pelos passarinhos mortos;
Pelas pequeninas aranhas.
Minha grande ternura
Pelas mulheres que foram meninas bonitas
E ficaram mulheres feias;
Pelas mulheres que foram desejáveis
E deixaram de o ser.
Pelas mulheres que me amaram
E que eu não pude amar.
Minha grande ternura
Pelos poemas que não consegui realizar.
Minha grande ternura
Pelas amadas que
Envelheceram sem maldade.
Minha grande ternura
Pelas gotas de orvalho que
São o único enfeite de um túmulo.

É bonito, e tem um imenso efeito afetivo, pelo menos em mim. Onde está a “grande ternura”? O que é a grande ternura? Não dá para saber. Sentimos muita coisa, mas digamos que um dos sentimentos que este poema desperta, para voltarmos ao início do que começamos a falar hoje, seja tristeza.

A primeira pergunta é: onde está esse sentimento? Ele não está no livro, ele não está em mim nem em cada um, onde ele está? “Para onde vai o amor quando o amor acaba?”,¹⁷ pergunta o Chico. O que é essa coisa que a gente chama de afeto? Um poema como esse, primeiro, marca como é a gota de orvalho no túmulo que engendra o afeto, é ela seu lugar e não em nós. Dizendo melhor, ela dá um destino à vida que pulsa em nós, dá-lhe presença e significação.

Nossa tentação é dizer que o afeto produziu o poema. Mas Manuel Bandeira marca muito bem como são essas pequenas coisas ditas que produzem o afeto. O afeto não estava lá. Quando elas vêm ele está. E depois que se vão, ele também se vai. Neste sentido, são as representações que carregam os afetos e não o contrário.

Tendemos a pensar que se o afeto é a descarga e a pulsão é uma carga, então os dois são muito parecidos. Enquanto que representação seria coisa de humanidade muito desenvolvida, o afeto seria animal e primo da pulsão. Como se o afeto fosse mais profundo, mais arcaico, mais verdadeiro e a inscrição falsa. Mas Freud, quando define o afeto, mesmo em 1914, diz um pouco mais, diz que há uma tonalidade subjetiva da descarga e que é isso que caracteriza o afeto.

Então temos: uma representação, a gota de orvalho, um sentimento que é descarga, mas o que importa é sua tonalidade subjetiva. E de onde vem essa tonalidade? Seria demais pensar que também estaria, inteiramente na representação. A gota de orvalho não é em si triste, a gota no túmulo, talvez, mas de todo modo o sentido de uma representação não está nela.

Porque alegria, tristeza, ódio etc? Essas diferenças não estão na libido, na carga presa, nem na representação que as engendra. Essas diferenças estão no Outro, estão na codificação cultural dos sentimentos. Ninguém vai ficar rindo num enterro, enterro é para chorar. Nossas maneiras de chorar e sorrir são recebidas por nós, já prontas, no momento em que entramos na cultura, juntamente com os desejos e romances que nos constituem. Se esse *kit*-cultura fornecido pelo Outro fosse um filme, o afeto seria sua trilha sonora. Nele, os sentimentos agem como o coro do teatro grego, sustentando, nos termos de Lacan, um “comentário emocional” da ação.¹⁸

A codificação cultural é uma espécie de fôrma. Nessa fôrma, a libido entra. Quando a libido entra, descarrega. Aí eu sinto o que é para sentir e, em sentindo aquilo, eu sinto como outros sentiram e me torno alguém na multidão. Mas é exatamente esta “conversão afetiva” que nos afasta do essencial na análise, pois o essencial está nas representações que engendram a ação. Em torno delas gravita um tanto de energia excessiva que não se descarrega no afeto. Ela é que responde por nossa singularidade e não o afeto.

O afeto nos afasta da singularidade, é um empuxo ao universal. Ele faz o corpo vibrar no diapasão dos modos de sentir que ganhamos quando entramos na cultura.¹⁹ O afeto engana ao levar a crer que nos conduziria ao real. Se Lacan propõe que o sentimento também mente é para que deixemos de supor que teria um sentido primitivo, mais básico e real que o das palavras.²⁰ O real com que lidamos em uma análise não é deste tipo; não é um sentido, nem primitivo, nem energético (o de uma dócil energia vital que nos levaria adiante). Dito em nossos termos, o real é fora do sentido, por isso não haverá para nós significado primordial. Ele é vida, só que vida quando ela não cabe nas nossas vidas, quando excede e colide com as rotas de uma existência.

Porquinho singular

O afeto é importantíssimo, mas a singularidade só está nas representações e não no afeto. Isso é mais fácil defender. O afeto é música, representação é letra. Mas tem que ter música e letra. A música é o mais importante, mas é a letra que nos emociona e não a música. A não ser que seja uma música que já diz bastante. Certamente, uma certa melodia fala de mim mais que um batuque de tambor. O batuque me socializa, com ele, somos todos um. Se todos batucarem, nós nos perderemos na nossa própria massa. E isso é a minha vida multiplicada pela multidão que nós somos.

Outra coisa é “as pequenas aranhas, as mulheres que eu não consegui amar, a gota de orvalho no túmulo” que é também a vida que não coube na vida, mas inscrita de outra maneira. E essa maneira é muito singular ou muito mais singular, pelo menos, que a do tambor.

Se não houver as palavras de amor, não há amor, mesmo se os modos de amar já estão no Outro. Uma delas a gente está marcando que é a “gota de orvalho no túmulo”. A outra, que a gente está tentando entender, é uma certa carga que eu sinto quando eu penso na gota de orvalho, é “minha grande ternura”. Como entender essa grande ternura?

Minha grande ternura é um presente do Manuel Bandeira para nós. E um presente que só passa através da gota de orvalho. Mas esse presente eu sinto, eu pego, é quase um objeto. Essa é a ideia do Freud, a libido é um objeto, são pequenos objetos, são coisas. A libido não é uma energia quantificada. E é isso que vai ser fundamental para pensar nossa catarse.

Então, o que fazemos na análise? Pegamos esses objetos, mudamos de lugar, jogamos para outro lugar e pegamos essa coisa disforme e eventualmente a transformamos num objeto. Quando isso vira um objeto, eu me emociono.

Mais um exemplo. Manuel Bandeira, de novo:

*Porquinho-da-Índia*²¹

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele prá sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas . . .
— O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

Porquinho-da-Índia, aqui, é a libido. É a libido que se tornou objeto graças a essa nomeação. Mostra como é possível que esta energia maior que a vida ganhe nome e endereço, não fique necessariamente de fora, apenas perigo e excesso, mas eventualmente presença companheira, mesmo se só debaixo do fogão. Quando o porquinho-da-Índia é a primeira namorada, isso também corre para a namorada, não está apenas nele. Isso reestrutura toda uma história. O porquinho-da-Índia é o objeto a laciano. Último exemplo.

*Teresa*²²

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)
Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Há qualquer coisa “nos olhos que nasceram dez anos antes do corpo” que guardam alguma coisa da Teresa que é só da Teresa dele e de mais ninguém. Nessa fala sobre a Teresa somos afetados. Ela carrega essa tal vida que não cabe e que ele nos transmite. E, no que transmite, a gente sente alguma coisa especial, como o próprio narrador do poema quando a viu: “não vi mais nada, os céus se misturaram com a terra, e o espírito de deus voltou a se mover sobre a face das águas.”

Mexer com a libido como gosma objetal é diferente de buscar descarregá-la. Nós não vamos descarregar, nós vamos fazer massa de modelar, purificar, decantar, mas sem os sentidos ainda idealizantes, abstratos destes termos. A análise estaria mais para fazer massinha do que para descarregar. E o exemplo de massinha, para não ficar puramente metafórico, é um poema como o do porquinho-da-Índia. Isso é pegar a libido e modelar. E isso produz um efeito afetivo também.

É bem diferente de ficar na tristeza da perda de si, em uma saudade fundamental pela morte da criança que um dia fomos. É diferente ainda de ficar às voltas com uma violência angustiada. É fazer disso tudo uma boa limonada que pode dar em efeitos afetivos bem diversos. Esse trabalho com a libido que produz deslocamentos, o efeito afetivo da cultura, e não da análise, daquele leque de afetos da cultura, aquele que é mais utilizado quando a análise faz essas coisas, costuma ser o entusiasmo. Essa seria a regra de Lacan. Os efeitos afetivos culturais, mais relacionados com isso que a análise faz, Lacan vai tentar marcar lá no final, e vai ser entusiasmo. Então, produzir um porquinho-da-Índia dá em entusiasmo, não dá em alegria, tristeza, nada disso. O entusiasmo é circunstancial e pontual, afinal, não

é todo dia que você produz um porquinho-da-Índia e ele, como nome do real do que não cabe na vida, nunca fica quieto na palma da mão.

¹ Miller, J.-A. As contra-indicações ao tratamento psicanalítico. Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Eolia, 1999, n. 25, p. 52-55.

² Lacan, J. [1953] "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 320.

³ Freud, S. [1915] "A pulsão e seus destinos", vol. XVI. *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (no que segue, *ESB*).

⁴ Blanchot, M. *L'écriture du desastre*, Paris, Gallimard, 1980, p. 116 (tradução nossa).

⁵ Quem morre para Freud é o pai, mas mesmo ele continua voltando, como fantasma aterrorizante nos sonhos de seus filhos culpados.

⁶ Lacan, J. [1958] "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 636.

⁷ Freud, S. [1926]. "Inibição sintoma e angústia", *ESB*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 160.

⁸ *Ibid.*, p. 166.

⁹ Freud, S. [1915] "A pulsão e seus destinos", *ESB*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

¹⁰ Lacan, J. "Conferência em Genebra sobre o Sintoma". *Opção Lacaniana*, n. 23.

¹¹ Cf. Vieira, M.A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p.20, 26, 29.

¹² Os padrões de manifestação afetiva estão no Outro e não no real (cf. Miller, J. A., "Sobre os afetos na experiência analítica", *As paixões do Ser*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998, p. 38). Sobre a "catarse" cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 297 e tb. Vieira, M. A. *Restos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008 (glossário, verbete "Catarse").

¹³ "purificação, decantação, isolamento de planos" (Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 374). De fato, em uma análise, boa parte dos significados que carregamos vão se concentrando em cenas fundamentais e ditos marcantes. É o que resume J. A. Miller ao definir este aspecto da experiência analítica como "operação redução" (Miller, J. A. *O osso de uma análise*, Salvador, EBP-BA, 1998, pp. 59 e seguintes).

¹⁴ Freud, S. [1920]. "Além do Princípio do Prazer", *ESB*, vol. XVIII. Para o modo como Lacan retoma esta ameba como "Homelete", cf. Vieira, M. A. *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008 (glossário, verbete "objeto").

¹⁵ "A energia é uma constante ou, uma variável, que o físico usa nos seus cálculos para trabalhar" (Lacan, J. [1973] "Televisão". *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 520).

¹⁶ Bandeira, M. *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 142.

¹⁷ Buarque, Chico. *Almanaque*, 1981.

¹⁸ Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, p. 305.

¹⁹ Pois, como lembra J. A. Miller, uma análise não caminha em direção ao sentido de uma verdade, mas ao real como fora do sentido. Para os afetos como conversão, como "acessos histéricos fixados na espécie", Cf. Freud, S. *ESB*, vol. XX, p. 156 e Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 714 e Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, 106.

²⁰ Lacan, J. *O Seminário, livro 15* inédito, lição de 19/2/68 e Cottet, S. "La belle inertie, Note sur La dépression em psychanalyse", *Ornicar?* Vol. 32, p. 74.

²¹ Bandeira, M. op. cit. p. 208.

²² Bandeira, M. op. cit. p. 214.